

MEMÓRIAS COMUNITÁRIAS FRAGMENTADAS EM BIBLIOTECAS PÚBLICAS

Daniele Achilles, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Brasil,
<https://orcid.org/0000-0002-3648-7282>

RESUMO

Apresenta o conceito 'memórias comunitárias fragmentadas' alinhando as categorias memória, comunidade e fragmento. Destaca a memória como fenômeno social e componente cultural localizada entre saberes e conhecimentos, no entremeio de relações subjetivas e intersubjetivas marcadas por afetamentos e atravessamentos. Ancora o conceito de memória à experiência em Benjamin, marca a dimensão criativa da memória assentada às estruturas de poder. Como reconhecer as memórias comunitárias fragmentadas como caminhos de resistência, produção, experiência e criação em bibliotecas públicas? se coloca como problema e suscita o seguinte objetivo geral: reconhecer as memórias comunitárias fragmentadas e suas dinâmicas, entendendo que elas formam resistências próprias para o empoderamento comunitário e enfrentamento à pobreza informacional. Admite a realidade das comunidades postas em condição de periferia no Brasil, marcadas por desigualdades sociais e falta de estrutura generalizada num país que desconsidera a história e a memória como componentes essenciais à construção dos modos de existência. Aponta a exclusão infotecnológica, seus desafios e problemas no estabelecimento de novas práticas socioculturais, moldando a mudança da lógica disciplinar para o controle (FOUCAULT, 1997); assim como a passagem da experiência para a vivência em Benjamin. Tudo isso determina os modos de vida - de ver, agir, lembrar e esquecer, propagando no campo social alterações no campo da memória e da percepção (Foucault, 2006; Benjamin, 2012). A pesquisa se define como social, teórica-empírica, exploratória e qualitativa, focalizada na pesquisa bibliográfica, é possível afirmar que bibliotecas auxiliam na transformação da história das comunidades, desde que pessoas protagonizem os domínios do passado, do presente para iluminar o futuro. O conceito memórias comunitárias fragmentadas posiciona nas discussões sobre o conceito 'memória', admitindo a complexidade de escrever sobre o conceito resistência, porque ele exige uma série de elementos que constroem a relação desta com a memória. A resistência configurada nos modos de produção, experiência e criação dos sujeitos, desde que atreladas às estruturas de poder. Salztrager e Gondar (2021) enfatizam a memória como instrumento do poder, como um meio de normas e valores instituídos, assim, também é lugar de resistências. Maciel Jr. (2013) indica que a resistência é primeira em relação ao poder, então não há poder sem resistência. Por que "memórias comunitárias fragmentadas"? Porque todo poder político pretende controlar a memória, selecionando o que deve ser lembrado ou esquecido, assim, cada lembrança e esquecimento funciona como um 'caco' da memória, e, um somatório de cacos, forma um mosaico benjaminiano. Se o poder é produtivo e produz essencialmente subjetividade, Foucault coloca que as memórias são produzidas, aí reside o ponto de andamento da pesquisa. E, sobretudo, se esses sujeitos (comunidades) participam das disputas (lembranças-esquecimento), a manipulação da memória funciona como um dos maiores mecanismos para o manejo da história e manutenção das desigualdades e pobreza informacional.

Palavras-Chave: Memória; Comunidade; Biblioteca Pública; Memórias Comunitárias Fragmentadas.

MEMORIAS COMUNITARIAS FRAGMENTADAS EN LAS BIBLIOTECAS PÚBLICAS

RESUMEN

Presenta el concepto de "memorias comunitarias fragmentadas", alineando las categorías de memoria, comunidad y fragmento. Destaca la memoria como fenómeno social y componente cultural

situado entre saberes y conocimientos, en medio de relaciones subjetivas e intersubjetivas marcadas por afectos y cruces. Ancla el concepto de memoria a la experiencia de Benjamin y enfatiza la dimensión creativa de la memoria basada en estructuras de poder. ¿Cómo reconocer las memorias comunitarias fragmentadas como caminos de resistencia, producción, vivencia y creación en las bibliotecas públicas? se plantea como problema y da lugar al siguiente objetivo general: reconocer las memorias comunitarias fragmentadas y sus dinámicas, entendiendo que configuran una resistencia propia para el empoderamiento comunitario y el abordaje de la pobreza informacional. Reconoce la realidad de las comunidades de la periferia de Brasil, marcada por las desigualdades sociales y la desestructuración general en un país que desprecia la historia y la memoria como componentes esenciales en la construcción de formas de existir. Señala la exclusión infotecnológica, sus desafíos y problemas para establecer nuevas prácticas socioculturales, moldeando el paso de la lógica disciplinaria al control (FOUCAULT, 1997); así como el paso de la experiencia a la vivencia en Benjamin. Todo esto determina formas de vida - de ver, actuar, recordar y olvidar, propagando cambios en el campo social de la memoria y la percepción (Foucault, 2006; Benjamin, 2012). La investigación se define como social, teórico-empírica, exploratoria y cualitativa, centrada en la investigación bibliográfica. Es posible afirmar que las bibliotecas ayudan a transformar la historia de las comunidades, siempre y cuando las personas asuman el liderazgo en los dominios del pasado y del presente para iluminar el futuro. El concepto de memorias comunitarias fragmentadas posiciona las discusiones sobre el concepto de "memoria", admitiendo la complejidad de escribir sobre el concepto de resistencia, pues requiere de una serie de elementos que construyen la relación entre ésta y la memoria. La resistencia se configura en los modos de producción, vivencia y creación de los sujetos, siempre y cuando estén vinculados a estructuras de poder. Salztrager y Gondar (2021) destacan la memoria como instrumento de poder, como medio de instituir normas y valores, por lo que también es un lugar de resistencia. (2013) señala que la resistencia está primero en relación con el poder, por lo que no hay poder sin resistencia. ¿Por qué "memorias comunitarias fragmentadas"? Porque todo poder político pretende controlar la memoria, seleccionando lo que debe ser recordado u olvidado, por lo que cada recuerdo y olvido funciona como un "fragmento" de memoria, y una suma de fragmentos forma un mosaico benjaminiano. Si el poder es productivo y produce esencialmente subjetividad, Foucault sostiene que los recuerdos se producen, y ahí es donde radica la investigación. Y, sobre todo, si esos sujetos (comunidades) participan en disputas (recuerdo-olvido), la manipulación de la memoria funciona como uno de los mayores mecanismos de gestión de la historia y de mantenimiento de las desigualdades y de la pobreza informativa.

Palabras-Clave: Memoria; Comunidad; Biblioteca Pública; Memorias Comunitarias Fragmentadas.

FRAGMENTED COMMUNITY MEMORIES IN PUBLIC LIBRARIES

ABSTRACT

It presents the concept of 'fragmented community memories', aligning the categories of memory, community, and fragment. It emphasises memory as a social phenomenon and cultural component located between knowledges and knowledge, in the midst of subjective and intersubjective relationships marked by affections and crossings. It anchors the concept of memory to Benjamin's experience and emphasises the creative dimension of memory based on power structures. How can we recognise fragmented community memories as paths of resistance, production, experience, and creation in public libraries? poses itself as a problem and gives rise to the following general objective: to recognise fragmented community memories and their dynamics, understanding that they form their own resistance for community empowerment and tackling information poverty. It recognises the reality of communities on the periphery of Brazil, marked by social inequalities and a general lack of structure in a country that disregards history and memory as essential components in the construction

of ways of existing. It points to infotechnological exclusion, its challenges, and problems in establishing new socio-cultural practices, moulding the shift from disciplinary logic to control (FOUCAULT, 1997); just like the shift from experience to living in Benjamin. All of this determines ways of life - of seeing, acting, remembering, and forgetting, propagating changes in the social field of memory and perception (Foucault, 2006; Benjamin, 2012). The research is defined as social, theoretical-empirical, exploratory, and qualitative, focussing on bibliographical research. It is possible to state that libraries help to transform the history of communities, provided that people take the lead in the domains of the past and present in order to illuminate the future. The concept of fragmented community memories positions the discussions on the concept of 'memory', admitting the complexity of writing about the concept of resistance, because it requires a series of elements that build the relationship between this and memory. Resistance is configured in the modes of production, experience, and creation of subjects, as long as they are linked to power structures. Salztrager and Gondar (2021) emphasise memory as an instrument of power, as a means of instituting norms and values, so it is also a place of resistance. (2013) points out that resistance is first in relation to power, so there is no power without resistance. Why "fragmented community memories"? Because every political power aims to control memory, selecting what should be remembered or forgotten, so each memory and forgetting functions as a 'shard' of memory, and a sum of shards forms a Benjaminian mosaic. If power is productive and essentially produces subjectivity, Foucault argues that memories are produced, and this is where the research lies. And, above all, if these subjects (communities) participate in disputes (remembering-forgetting), the manipulation of memory functions as one of the greatest mechanisms for managing history and maintaining inequalities and informational poverty.

Keywords: Memory; Community; Public Library; Fragmented Community Memories.

1 INTRODUCCIÓN

Apresenta o conceito 'memórias comunitárias fragmentadas' fruto do Projeto de Pesquisa em andamento. A memória, enquanto fenômeno social e componente cultural se localiza entre saberes e conhecimentos, no entremeio de relações subjetivas e intersubjetivas, marcada por afetamentos e atravessamentos. A perspectiva sobre memória enquanto experiência, vista a partir dos estudos de Walter Benjamin alinha-se com a dimensão criativa, enfatizada por Michel Foucault, ambas associadas às dinâmicas e estruturas de poder, já que o par lembrança-esquecimento admite uma série de disputas.

Como uma biblioteca afeta um sujeito? Como reconhecer as memórias comunitárias fragmentadas como caminhos de resistência, produção, experiência e criação em bibliotecas públicas? Esses questionamentos direcionam a ideia central da pesquisa - a formação do entendimento conceitual para "memórias

comunitárias fragmentadas". Nesse sentido, a pesquisa apresenta seguinte o objetivo geral: reconhecer as memórias comunitárias fragmentadas e suas dinâmicas, entendendo que elas formam resistências próprias para o empoderamento comunitário e enfrentamento à pobreza informacional.

Objetivo geral posto, desdobram-se os seguintes objetivos específicos:

- a) compreender o conceito de memória ancorado na relação história-memória-identidade em comunidades postas em condição de periferia;
- b) entender como desenvolver o conceito de memórias comunitárias fragmentadas;
- c) apreender o conceito de resistência enquanto produção, experiência e criação;

- d) relacionar comunidade, memória e resistência às dinâmicas e processos inerentes à formação de bibliotecas públicas. Mas, não serão todos tratados nesta comunicação.

A pesquisa se justifica por posicionar a investigação científica sobre memória comunitária relacionando com o campo empírico através das ações extensionistas do Projeto Comunidade de Práticas em Bibliotecas Públicas: trajetórias teórico-práticas para a construção das narrativas históricas, identitárias e de memória das bibliotecas

populares junto das comunidades do Município de Niterói, localizado no estado do Rio de Janeiro – Brasil. As ações da extensão alinhadas à pesquisa possuem fomento da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ), através do Programa Jovem Cientista do Nosso Estado (JCNE). O projeto extensionista marca o início de sua atuação em 2022, juntamente com a pesquisa “Memórias comunitárias fragmentadas: caminhos da resistência enquanto produção, experiência e criação em bibliotecas”.

2 PESQUISA, CONTEXTO E ALINHAMENTOS TEÓRICOS

A realidade das comunidades postas em condição de periferia no Brasil é profundamente marcada por desigualdades sociais e falta de estrutura generalizada. Frente a tantas mudanças, observamos um país que nos últimos anos desconsiderou a história e a memória como componentes essenciais à construção dos modos de existência. A informação desempenha um papel central porque possibilita a geração de novos conhecimentos e interfere no estabelecimento de novas práticas socioculturais. Thiesen (2013, p. 31) afirma que a informação é “a matéria-prima das chamadas sociedades pós-modernas ou pós-industriais”. A emergência informacional e tecnológica se intensificou a partir do século XX e XXI, respectivamente, tem provocado inúmeras alterações nas instituições sociais.

A exclusão infotecnológica vem impondo desafios e problemas, bem como interferindo no estabelecimento de novas práticas socioculturais, onde oportunidades e problemas diante da institucionalização de novas práticas e a legitimação das instituições têm passado por um enfrentamento no que tange a mudança de lógica (disciplinar para controle), sob o ponto de vista de Foucault (1997). Transformações também pensadas a partir por Walter Benjamin, (como a passagem da experiência para informação).

Em diferentes momentos é possível constatar que existem diversas coordenadas políticas, sociais, econômicas, culturais e, informacionais que determinam os modos de vida, isto é, de ver, agir, lembrar e esquecer. Tudo isso vai se propagando pelo campo social e é transmitido através de gerações. As formas de viver e de construir a própria vida fazem parte da constituição social e da memória (Foucault, 2006).

As bibliotecas públicas se vistas enquanto lugares antropológicos (Augé, 2012; SILVA, ACHILLES, SABBAG, 2022) devem apresentar aderência e ressonância social. Para Benjamin (2012, p. 25), “no interior de grandes períodos históricos, transforma-se com a totalidade do modo de existência das coletividades humanas também o modo de sua percepção. O teórico destaca o modo como a percepção humana se organiza” e, nesse sentido, incluir as bibliotecas públicas nesse contexto é considerá-las potentes nos processos e dinâmicas de pertencimento comunitário, ao se colocarem como espaços de experiência e vivência (Achilles, 2018).

A identificação dos inúmeros problemas e das dificuldades enfrentadas pelas comunidades no que tange o acesso à informação, ao conhecimento e às bibliotecas pode ser visto em decorrência dessas transformações ou mudanças de lógica. Aos

poucos, os hábitos, as percepções e os modos de organização começam a se perder, e novas lógicas como a da narração vai cedendo lugar a lógica da informação, como posiciona Benjamin (2012), isso significa dizer transformações dos processos de experiência e percepção. Segundo Benjamin (2012, p. 213): “Essa distância e esse ângulo de observação nos são impostos por uma experiência quase cotidiana”.

Assim o teórico constata, por exemplo, que a experiência, contida na arte de narrar, está em vias de extinção. Benjamin (2012) afirma também um declínio da experiência comunicável, aquela transmitida pelos narradores. Logo, admitir que as bibliotecas podem auxiliar na transformação do momento histórico vivenciado pelas comunidades, desde

O capitalismo industrial e financeiro juntamente com a globalização vêm modificando intensamente a relação do homem com a sua própria subjetividade. Nesse movimento, a produção, a experiência e a criação voltada para o uso, apropriação e produção de informação e conhecimento. De tempos em tempos, o sujeito moderno e pós-moderno, seus conflitos, amoldamentos e modos de existência são questionados e estudados por diferentes perspectivas de pensamento. Nesse tocante, é importante lembrar que o sujeito não é visto aqui como uma entidade totalizada, mas sim, como um todo aberto e fragmentado, visto que no cerne de suas construções subjetivas e intersubjetivas são atravessados por experiências, sensações, percepções, vivências e informações.

A reflexividade posta aqui perpassa pela relação da memória enquanto experiência e criação; associada à produção de subjetividade de si e do social, levando em consideração o

3 REFERENCIAL TEÓRICO

O marco teórico desta pesquisa se coloca na relação entre Biblioteconomia e Memória Social, alinhando teóricos de tais

que as pessoas protagonizem os domínios do passado e do presente para a fim de iluminar o futuro, é apontar para o modos dos de manipulação da história, memória e identidade por via da análise dos processos de experiência, vivência e informação.

Essa comunicação, de certo modo, traz esse alerta e indica o estudo do conceito composto ‘memórias comunitárias fragmentas’ (memória + comunidade + fragmento) com a intenção de descortinar novas possibilidades teóricas para compreender o silenciamento das histórias, o apagamento de subjetividades, bem como o manejo sobre as memórias comunitárias, tornando-as invisíveis frente a determinadas disputas sociais, políticas, econômicas, culturais e, sobretudo informacionais.

pertencimento dos sujeitos no ambiente da biblioteca pública.

Como uma biblioteca afeta ou atravessa o sujeito? Como conhecemos ou reconhecemos as subjetividades presentes na relação sujeito-biblioteca ou comunidade-biblioteca? Como compreendemos os processos históricos, experienciais e de criação de si e do social nesses ambientes informacionais? Como os sujeitos se apropriam da criação de si como um processo de resistência?

É possível considerar, como suposição que o estudo das memórias comunitárias fragmentadas não surge para conhecer objetivamente, ou, apenas subjetivamente os sujeitos e suas memórias. Mas, surge também para desvelar os processos experienciais da própria narrativa que o sujeito faz de si mesmo. E, no âmbito da pesquisa, a análise das narrativas considera contextos, dinâmicas e componentes conceituais. Tudo isso embricado tem se tornado objeto de análise.

áreas, assim como de outras áreas, como da Filosofia, Sociologia, Geografia e Educação.

A realidade das comunidades postas em condição de periferia no Brasil é profundamente marcada por desigualdades sociais e por uma falta de estrutura generalizada. A Organização Mundial de Saúde (OMS) ao observar uma série de problemas estruturais, tais como sedentarismo, tabagismo, doenças crônicas, violência e alto consumo de álcool, por exemplo, vem gerando iniciativas em prol da melhoria na qualidade da vida da população por meio de um plano de ações estratégicas diversas para o enfrentamento de tais problemas. Além disso, a Organização das Nações Unidas (ONU), ao observar os impactos da desigualdade social programou a Agenda 2030, como um instrumento para atingir os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável por meio de um apelo global em prol da extinção da pobreza, da proteção do meio ambiente e do clima, com vistas a garantir as pessoas um mundo de paz e prosperidade.

No Brasil, a política de Estado, nos últimos anos proveu ações que vêm esfacelando todos os ganhos que o país teve no que tange os índices de analfabetismo, de pobreza, de acesso à educação e cultura, dentre outros. Tal fato torna-se preocupante, visto que assistimos a um projeto de desgoverno que colocou milhões de brasileiros em risco até 2022. O cenário político e econômico em 2023 vêm tomando fôlego com a nova estrutura, se convertendo em esperança para a educação e cultura. A relevância deste projeto está em sua proposta: estudar os processos e dinâmicas comunitárias, ou seja, entender o modo como a existência de pequenos grupos sociais estão sendo construídas a partir de uma investigação sobre sua história, memória e resistência. Resistência esta vista a partir da produção, experiência e criação no ambiente das bibliotecas públicas.

Frente às mudanças, cada vez mais é possível observar um mundo marcado por um modo de produção 'agressivo' que, muitas vezes, desconsidera a história e a memória

como componentes essenciais à construção dos modos de existência. Dessa forma, vale ressaltar que a informação desempenha um papel central na atividade econômica porque possibilita a geração de novos conhecimentos e interfere diretamente no estabelecimento de novas formas de produção industrial, agrícola e cultural, agregando a esses processos novos elementos que definem a qualidade de vida e satisfazem as necessidades dos indivíduos e de suas práticas socioculturais. Como aponta Thiesen (2013, p. 31), a informação seria "a matéria-prima das chamadas sociedades pós-modernas ou pós-industriais".

Ao analisar as formas de produção, principalmente a de subjetividades, nas 'sociedades pós-modernas' cabe levar em consideração essas transformações de cunho espaço-temporais, bem como as dinâmicas de funcionamento da sociedade que se tornaram cada vez mais explícitas e fluidas na medida em que também se modificam. A emergência informacional se intensificou a partir do século XX provocando inúmeras alterações nas instituições sociais. Para além das oportunidades, surgiram também problemas diante da institucionalização de novas práticas sociais e, ainda de legitimação das instituições, que, por sua vez, tiveram que enfrentar uma alteração na lógica, isto é, de uma lógica disciplinar para uma lógica de controle, como nos alerta Foucault (1997) ao analisar o princípio do movimento direcionado para uma economia globalizada. Essas transformações também podem ser pensadas a partir de autores como Walter Benjamin, por exemplo, onde a passagem de uma lógica a outra se traduz na passagem da lógica da experiência para a lógica da informação.

Com a finalidade de entender as comunidades e bibliotecas postas em condição de periferia e como elas se diferenciam do seu sentido comum (definições e funções atribuídas socialmente que remetem a uma concepção de um tempo histórico bem anterior ao nosso), ao estudar os processos e as dinâmicas de formação da história, da

memória e da resistência desses grupos tem sido possível compreender a relação deles com a informação e com o conhecimento, bem como refletir sobre suas necessidades informacionais básicas.

Em diferentes momentos se pode constatar que existem diversas coordenadas políticas, sociais, econômicas, culturais e, principalmente, informacionais que determinam os modos de vida, isto é, os modos de ver, agir, lembrar e esquecer. Tudo isso vai se propagando pelo campo social e é transmitido através de gerações. Esses modos de viver constituem o que chamamos de identidade, por exemplo. As formas de viver e de construir a própria vida fazem parte da constituição social e da memória, como alerta Foucault (2006). No âmbito das instituições sociais, a relação das comunidades com as bibliotecas e com a informação e, conseqüentemente, com o conhecimento interfere nessa construção. Essa é sua relevância social: as bibliotecas como responsáveis pela mediação dos recursos informacionais disponíveis em face das necessidades da comunidade a ser servida, afetando assim o modo de seleção, organização e disseminação das informações inerentes à composição do tecido social.

A informação e o conhecimento influem na constituição dos modos de vida e influenciam os processos de experiências vividos pelas sociedades. Diante do declínio da experiência, cabe fornecer um caráter positivo às novas formas de experiência tal como nos ensina Walter Benjamin (2012). O que poderá conferir às bibliotecas públicas uma nova imagem, como um lugar antropológico (Augé, 2012), promovendo a aproximação da comunidade com essas instituições.

Nesse sentido, a urgência pela apropriação e a geração de novos conhecimentos de forma mais rápida interfere no estabelecimento de novas formas de produção do conhecimento e de novos elementos que definem a qualidade de vida e

satisfazem as necessidades dos indivíduos e de suas práticas culturais. Isso ocorreu devido à demanda por informações mais pontuais e esvaziadas de um sentido mais completo. Para Benjamin (2014, p. 25), “no interior de grandes períodos históricos, transforma-se com a totalidade do modo de existência das coletividades humanas também o modo de sua percepção. O modo como a percepção humana se organiza”. E, recai também na construção das práticas sociais e culturais.

A identificação dos inúmeros problemas e das dificuldades enfrentadas pelas comunidades no que tange o acesso à informação, ao conhecimento e às bibliotecas são decorrentes dessas transformações ou de uma mudança de lógica possibilitando que, aos poucos, os hábitos, as percepções e os modos de organização cedessem espaço para novas lógicas (da narração para a da informação), o que clarifica as conseqüentes transformações dos processos de experiência e percepção. Segundo Benjamin (2012, p. 213):

O narrador – por mais familiar que nos soe esse nome – não está absolutamente presente entre nós, em sua eficácia viva. Ele é para nós algo distante, e que se distancia cada vez mais. [...] Vistos de uma certa distância, os traços grandes e simples que caracterizam o narrador destacam-se nele. Ou melhor, esses traços aparecem como um rosto humano ou um corpo animal aparecem num rochedo, para um observador localizado numa distância apropriada e num ângulo favorável. Essa distância e esse ângulo de observação nos são impostos por uma experiência quase cotidiana. É a experiência de que a arte de narrar está em vias de extinção. São cada vez mais raras as pessoas que sabem ouvir uma história são manifestado, o embaraço se generalize. É como se estivéssemos sendo privados de uma faculdade que nos parecia totalmente segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências.

Benjamin (2012) nos alerta para queda ou declínio da experiência comunicável, aquela transmitida pelos narradores, exemplificadas pelo camponês sedentário, pelo marinheiro que vem de longe. Esses exemplos possibilitam compreender melhor a questão da narração. Benjamin (2012, p. 213) declara:

A arte de narrar aproxima-se de seu fim porque a sabedoria – o lado épico da verdade – está em extinção. Mas este é um processo que vem de longe. E nada seria mais tolo do que ver nele um ‘sintoma de decadência’, e muito menos de uma decadência ‘moderna’.

Ao constatar as relações entre as transformações econômicas, o declínio da experiência e a passagem da lógica da narração para da informação, o olhar para o objeto desta pesquisa se modifica e nos leva a perceber o quanto essas questões estão intimamente ligadas à biblioteca, permitindo uma melhor reflexão e compreensão de suas transformações e de sua crise a partir da perspectiva da construção da história, por via da oralidade, mudando a representação e os sentidos da comunidade. Esse é descolamento que ressalta a história, a memória e a identidade comunitária fragmentada nos diversos discursos.

Os antagonismos entre a cultura e a satisfação dos impulsos colocados por Freud (2013), na obra “O mal-estar na cultura” traz à tona a discussão sobre a própria condição humana, bem como complementa as ideias expostas também por Freud (2010) no texto “Recordar, repetir e elaborar”. Essas obras, embora sejam da Psicanálise apresentam uma perspectiva sobre a memória convocando de modo muito particular: a lembrança do passado como tal, a repetição como a reiteração dos fatos passados no presente (um presente com a máscara do passado que esconde as evidências das raízes) e a elaboração que ocorre no presente (trabalha o passado apontando para o futuro).

Essa compreensão por via da psicanálise possibilita entender as memórias comunicadas a partir da oralidade como fragmentos recordados, repetidos e elaborados produzindo assim novos escapes do que é imposto ao automatismo psíquico, do concluído, ou seja, a elaboração é algo em curso, e cada vez que o sujeito se abre a esse movimento, os fragmentos da memória se colocam de outro modo. A elaboração do passado, após a lembrança e repetição vai conduzindo processos de criação, neste caso dentro da própria biblioteca pública.

O principal problema das bibliotecas postas em condição de periferia na contemporaneidade (como bibliotecas públicas) está relacionado ao exercício de cidadania. Assim, se faz urgente admitir que as bibliotecas possam auxiliar na transformação do momento histórico vivenciado pelas comunidades, desde que as pessoas protagonizem os domínios do passado e do presente para iluminar o futuro. Nesse contexto, as bibliotecas públicas se colocam como instituições que participam e podem interferir nesses processos e dinâmicas funcionando como espaços de apoio à superação de problemas sociais estruturais.

Além disso, podem, por meio de redes locais, construir novas formas de operabilidade das suas funções sociais, redefinindo-se no espaço social. E essa é a intenção de parte do projeto de pesquisa citado: caminhar juntamente com o Projeto de Extensão “Comunidade de Práticas em Bibliotecas Públicas: trajetórias teórico-práticas das narrativas históricas, identitárias e de memória das bibliotecas populares junto às comunidades de Niterói, RJ¹”.

Com vistas nisso, o planejamento das atividades conecta a tríade ensino, pesquisa e extensão. Isso tem proporcionado o alinhamento da pesquisa teórica diretamente como o corte empírico por meio do viés extensionista, recaindo sobre o ensino da graduação e da pós-graduação.

Essa perspectiva de ação investigativa apresenta relevância científica e, técnico-científica, uma vez que aproxima a ciência da sociedade, auxiliando também as atividades de

4 ALINHAMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa se define como social de cunho teórico-empírico. Classifica-se como exploratória e descritiva quanto aos objetivos, com delineamento qualitativo. Cabe destacar que o projeto de pesquisa como um todo admite a pesquisa mista, no entanto, como essa comunicação se debruça apenas sobre o segundo objetivo descrito na introdução, o procedimento técnico aqui se restringe à pesquisa bibliográfica. O campo empírico que subsidia a investigação em sua totalidade são as comunidades e bibliotecas populares do Município de Niterói (RJ). O campo empírico tem sido investigado a partir da narrativa oral, como procedimento interdisciplinar conforme

5 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

As relações entre memória, comunidade e fragmento perpassam pela história, pela identidade, bem como pelos processos e dinâmicas de experiência, vivência, percepção e criação. Tudo isso modulado pela produção de subjetividade presente nas relações subjetivas e intersubjetivas.

Quanto à história, à memória e à resistência cabe ressaltar que esses são campos essenciais da pesquisa e que estão intimamente relacionados. Foucault (*apud* Deleuze, 1995) nos alerta que a dinâmica da história pode ser vista a partir da arqueologia do saber, da genealogia do poder e da ética da subjetivação. A partir daí, o olhar para a escrita da história deve desconfiar das identidades fixas, dos processos cristalizados, contínuos que corrobora para a construção da história e memória “única”.

Foucault (1995) ainda afirma ser essencial investigar as resistências constituídas contra os dispositivos de poder, o que nos

entendimento da formação de conceitos que estruturam as ações em bibliotecas públicas, possibilitando impacto social nas comunidades investigadas.

afirma Alberti (2005), afinal envolve uma série de conhecimentos entrecruzados que podem ser analisados por diversas áreas do conhecimento.

A expertise está na intermediação da teoria e da prática o que vai gerando questionamentos e reflexões sobre as duas dimensões. Com vistas nisso, o desenvolvimento de um entendimento sobre o conceito composto “memórias comunitárias fragmentadas” depende fundamentalmente do corte teórico-empírico, sendo aqui apresentada parte da perspectiva teórica.

conduz a compreender como escrever a própria história a partir dos processos de resistência. O teórico admite os saberes como construções históricas por práticas à ordem do discurso, conforme coloca Maciel Jr. (2013, p. 2).

As engrenagens do funcionamento social requerem as relações entre poder, jogos de forças, disputas, memórias e resistência. Mesmo assim, admitindo a resistência como criação e a memória como produção. Segundo Maciel Jr. (2013, p. 2) “se as forças se definem segundo o poder como um afetar e um ser afetado, resistir é a capacidade que a força tem de entrar em relações não calculadas pelas estratégias que vigoram no campo político”. No caso das bibliotecas públicas estudadas, a resistência tem residido na produção, experiência e criação. Uma engrenagem que funciona como técnica de si e dos desdobramentos feitos pelos sujeitos nesse ambiente institucional.

6 CONSIDERACIONES POSSÍVEIS

Os processos de subjetivação são constituintes de práticas de liberdade, esse caminho assenta as histórias e as memórias desses sujeitos que ressignificam sua relação com as bibliotecas públicas. É possível dizer que os processos de subjetivação se revelam através dos fragmentos que se tornam visíveis no momento de recordar, repetir e elaborar.

Cacos da memória individual e coletiva vão formando um mosaico a partir da criação do novo. Essa é a aposta feita no desenvolvimento do conceito memórias comunitárias fragmentadas. Essa discussão reflexiva oferece um olhar para os sujeitos que estão em contato com as bibliotecas públicas, descortinando os caminhos da resistência, por via da criação. Esse caminho é produzido a partir da expressão, experiência e vivência dos sujeitos no momento que contam ou recontam suas histórias e memórias.

Assim, os sujeitos escapam aos manejos impostos pelas estruturas do poder,

7 REFERENCIAS

- Achilles, D. (2018). Comunidade de práticas em bibliotecas públicas: informação e intercâmbio de experiências. UNIRIO. (Projeto de Extensão).
- Achilles, D. (2022). Comunidade de práticas em bibliotecas públicas: trajetórias teórico-práticas para a construção das narrativas históricas, identitárias e de memória das bibliotecas populares junto das comunidades do município de Niterói (RJ). UNIRIO. (Projeto de Extensão).
- Achilles, D. (2022). Memórias comunitárias fragmentadas: caminhos da resistência enquanto produção, experiência e criação em bibliotecas. UNIRIO. (Projeto de Pesquisa).
- Achilles, D. (2023). Programa Comunidade de práticas em bibliotecas públicas. UNIRIO. (Programa de extensão).
- Alberti, S. (2005). A perversão, o desejo e a pulsão. *Rev. Mal-Estar Subj.* vol. 5, n.2, p. 341-360.
- Alfaro López, H. G. (2010). Estudios epistemológicos y la biblioteca. UNAM, Centro Universitario de Investigaciones Bibliotecológicas.
- Augé, M. (2012). Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Papyrus.
- Benjamin, W. (2012). Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura história da cultura. Brasiliense.
- Benjamin, W. (2014). Rua de mão única; infância berliense. Autêntica.
- Deleuze, G., & Guattari, F. (1995). Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. Ed. 34.

podendo traçar novas vias de compreensão identitária, empoderando-se e assumindo para si que, na contemporaneidade, a identidade é instável, descentrada e, sobretudo fragmentada.

O jogo da lembrança e do esquecimento frente a admissão das possibilidades das experiências e vivências fragmentadas ativam o enlace entre o passado, presente e futuro, gerando a produção do novo, adentrando no caminho da resistência. A subjetividade como construção de si vai moldando novos enquadramentos e cenários, abrindo espaço para a atualização da memória.

Nesse sentido, a biblioteca pública como um lugar antropológico, habitado pelos sujeitos se coloca como um território que apoia construções, criações, a experiências, vivências, possibilitando a resistência por via da afirmação das memórias comunitárias fragmentadas.

- Foucault, M. (1995). O sujeito e o poder. In: Dreyfus, H.; Rabinow, P. Michel Foucault: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e hermenêutica. Forense universitária.
- Foucault, M. (1997). Resumos dos cursos do College de France (1970-1982). Jorge Zahar.
- Foucault, M. (2006). Michel Foucault: estratégia, poder-saber. Forense Universitária.
- Freud, S. (2010). Recordar, repetir e elaborar – 1914: novas recomendações sobre a técnica da psicanálise. Companhia das Letras.
- Freud, S. (2013). O mal-estar na cultura. L&PM.
- Gagnebin, J. M. (2013). História e narração em Walter Benjamin. Perspectiva.
- Gagnebin, J. M. (2014). O trabalho de rememoração em Penélope. Ed. 34.
- Gondar, J. (2016). Cinco proposições sobre memória social. In: Dodebeï, V., FARIAS, F. R., & GONDAR, J. (Org.). Por que memória social? Híbrida.
- International Federation of Library Associations and Institutions (2022). Manifesto da biblioteca pública. IFLA-UNESCO.
- Maciel Jr., A. (2013). Resistência e prática de si em Foucault. Trivium.
- OMS Brasil. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/brasil>.
- ONU Brasil (2015). Agenda 2030. Disponível em: <https://www.unodc.org/lpo-brazil/pt/crime/embaixadores-da-juventude/conhea-mais/a-agenda-2030-para-o-desenvolvimento-sustentvel.html>. Acesso em 20 set. 2023.
- Thiesen, I. (2013). Memória institucional. Ed. UFPB.
- Wenger, E. (1998). Communities of practice: learning, meaning and identify. Cambridge University.

8 NOTAS

¹ Projeto este que tem financiamento pela Fundação Carlos Chagas Filhos de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) por via do Programa Jovem Cientista do Nosso Estado, 2023.